

## PÉ-DE-JANTA

PRÍNCIPE

**José Liberato Costa Póvoa**  
Faculdade de Direito

Puxo pela cabeça, espanando as prateleiras da memória, procurando uma seqüência impossível. Não adianta: já me assusto é com Antonhão e sua gente transando nas ruas do Duro e com amizades com os influentes do lugar, a quem dera os filhos por afilhados.

Suponho, até, que Antonhão já nascera grande, enorme, magro que nem imagem, preto, chapéu de palha, nariz aquilino e pés enormes esparrados no chão, vivendo no Fundãozinho (ou no Escondido, nem sei bem), pelos lados do Bom Jesus, a légua e meia do São José do Duro. Só me recordo de que, num indeterminado momento, ele já trafegava na minha meninice, todo mesuren-to, todo paternal, trazendo mangaba, araquá, bacupari, areia de arear trem e outros agrados do mato para completar seu conceito de homem bom.

Não lhe sei o berço: diziam uns que era da Bahia; outros, que era dali mesmo das bandas do Escondido. O certo é que a incerteza da sua origem dava mais um toque legendário à sua figura, que de tanto se identificar com a terra, parecia um pedaço dela em forma de gente. Casado (amigado, melhor di-zendo) com Loura, uma preta disposta e trabalhadeira, morava com a mulher, os filhos e a cunhada Doza, que lhe via na ca-chaça a pior das pragas:

— Nem Domingo Cachaça acompanha a tiorega desse ex-comungado!

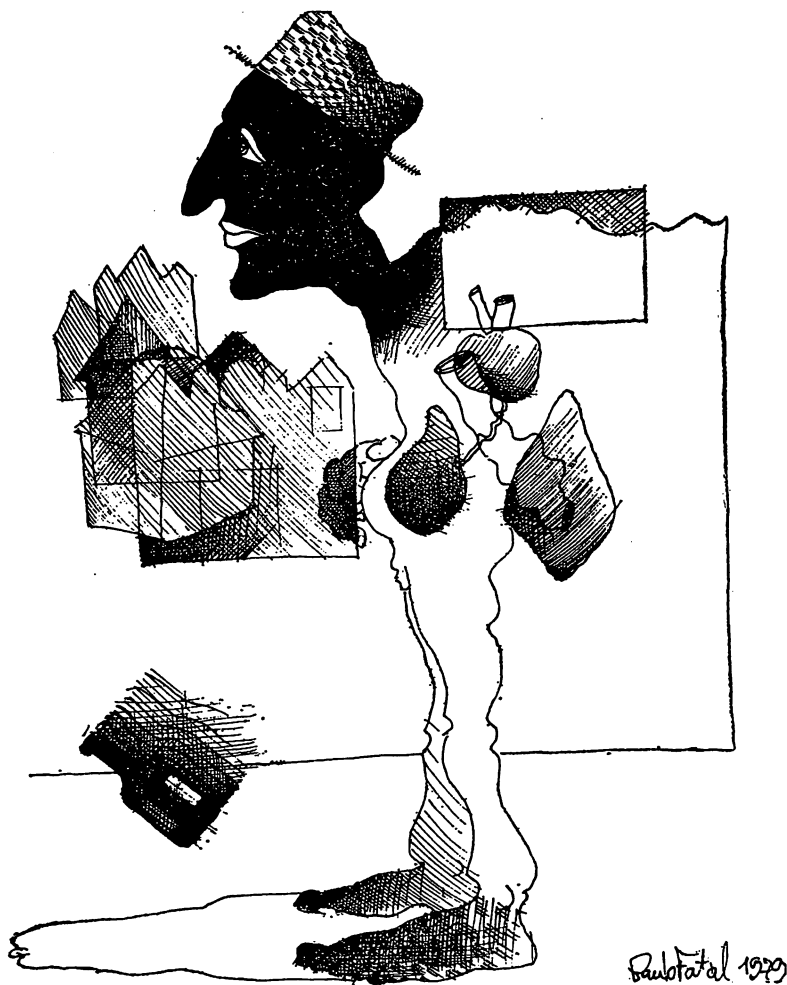
Roça, meia tarefa de arroz, feijão, milho e mandioca, cultivada nos fundos do quintal pelo tempo inteiro de Loura e Doza e pelas folgas da pinga de Antonhão, que o neto, de seis anos, malmente dava para servir de vigia de periquito e maracanã no tempo da parição do arroz.

Vivia Antonhão era de levar umas cabeças de guariroba a troco do sal, um agrado do mato para trazer a meia libra de café e um feixe de aracá ou murici por uma quarta de fumo da Larga. E, às vezes, quando apertava a vontade da dose de cachaça, não relutava em trocar o sustento pelo copo. Depois da colheita, a pequena estiva que guardava mantimento para a seca ia minguando-se, de tanto Antonhão freqüentar as bodegas da rua.

O vício desgraçado acabou por desgraçar-lhe a reputação e expulsar-lhe os derradeiros sentimentos: vergonha, honestidade, bom senso. Chegava a ponto de pedir água, beber e, à primeira distração, carregar o copo para trocar por pinga na venda mais próxima. E assim era com o prato que a caridade e o conhecimento lhes punha nas mãos. Ninguém confiava mais. Fiado, nem em sonho lhe fiavam. As contas dele, esparramadas em tudo quanto era boteca do Duro, o Diabo havia jogado num buraco e botado o pé em cima. Antonhão ficou tão treiteiro, que, se vendesse um cavalo, era capaz de dar um jeito de ficar com a marcha.

Quando Porto Nacional surgiu como um novo eldorado, um aceno de esperança de dias melhores, arrebanhando o povinho esperando, Doza e o filho de Antonhão largaram o Escondido, deixando-lhe um vazio enorme, que ele tentou preencher com a cachaça, o vício de Antonhão tornou-se o sempre: pelo menos, o estado de inconsciência não o deixava pensar nos seus esgaritados no mundo. A filha, coitada, antes de surgir o Porto como esperança, já sumira, tocada pelo desgosto.

A molecada do Duro, cuja insensibilidade, própria da idade, não alcançava o íntimo de Antonhão, fazia chacota ao seu redor, debaixo das mungubeiras da praça:



— Ei, Pé-de-Janta!

Por sua pacatez ou por estar sempre trespassado pela pinga, Antonhão limitava-se a levantar a aba do chapéu de palha, grelar os olhos vermelhos e mortiços, para voltar a recostar-se na mungubeira e dormir.

— Lá vem o soldado, Antonhão!

Era como uma fâisca despertando Antonhão, que tinha verdadeiro pavor de soldado, embora jamais houvesse chegado ao menos à porta da cadeia. E levantava-se de vez, medindo a praça com passadas enormes para ganhar a Rua dos Rodrigues, que dava saída do Duro. Nesses momentos, os efeitos da cachaça desapareciam.

Mas o medo de soldado tinha seu porquê. Certa vez, quando se encontrava à sombra da porta de Joaquininha, em companhia de Raimundinho da Larga, Joãozão e do resto do povinho freguês exclusivo da venda de Joaquininha, começaram a atucanar-lhe a paciência para vê-lo zangado (o que era quase impossível). Mas Antonhão nem molgou. Então, a molecada, que estava a fim de vê-lo atenzado, foi fazer fuxicos com o cabo Gregório, comandante do destacamento, só para ver Antonhão apertado.

— Quem Pé-de-Janta?

— Antonhão, do Escondido, marido de Loura, seu cabo! Cabo Gregório riu-se, dando de ombros e voltando as costas:

— Quá! Antonhão é de fazer bagunça nada! Ele só bebe pra esquecer de que não pôde ir pro Porto com Doza e Celestino. Larguem o homem de mão!

A rapaziada não se fez de rogada. Queria porque queria achar um pé para o cabo passar um susto e dar uma carreira em Antonhão, pois suas passadas largas e seu correr peculiar sempre arrancavam sonoras gargalhadas. E um dos intrigentos, para lograr êxito na trama, cutucou os brios do cabo, que, dentre seus numerosos filhos, nutria pelos gêmeos Jarbas e Jaldas as maiores preferências, ignorando as capetices e malfeitos que a dupla semeava por todos os arredores do Duro, e, o que era pior, abonando-lhes os atos, a ponto de exigir satisfações de quantos viessem colocá-lo a par das artes dos meninos:

— Antonhão tá lá na porta da venda de mãe dizendo pra Deus e o mundo que vai pagar seus meninos no couro! — era Manoel de Joaquininha futucando o cabo.

— Pegar quem? — interessou-se o cabo, voltando-se e chegando mais pra perto com as mãos na cintura e com a testa franzida.

— Aqueles gêmeos: o branquinho, Jaldas, e o moreninho, que vive com a avó, a velha Dionília! — outro completou a intriga.

— Pegar por quê? — o cabo cerrou os sobrolhos, cuspiu de lado a pele de fumo que mascava e quis saber mais, tendo resposta imediata:

— Sei não. Disse que ia pegar os dois com cipó de miroró lá na Fazendinha de Augusto Rodrigues, quando eles passassem pro Discreto.

E colocaram um bando de mentiras na boca do pobre do Antonhão: que não tinha medo de soldado; que a mulher do cabo, Helenita, é quem manobrava a casa; que isto, que aquilo. Nem bem chegaram ao fim do rosário de injúrias, o cabo, mal-dando muito de Antonhão, já vestia a farda cáqui, afivelava o cinto de couro com o sabre encastado e saía zangado em direção à ponte do Godinho, para buscar o soldado que completava o destacamento.

Ao ver a atitude do cabo, a turma, liderada por Manoel de Joaquininha e Guducha de Genésio, já antegozando a situação, correu para a porta de Joaquininha para atizar o inocente Pé-de-Janta, acororado debaixo do «ficus», cercado pelo povinho roceiro de sua igualha, que, nos fins da semana, ia levar cargas de banana, guariroba, abóbora e outras coisas em troca de roupas de retalhos e doces e bebidas na mão de Joaquininha.

— Cabo Gregório tá seco para pegar você, Antonhão! — era Guducha, querendo analisar-lhe a reação.

— Quem Grigoro?

— Cabo Gregório, rapaz! Não me diga que não conhece o cabo! O pai de Todão, Antonhão!

— Ah, o cabo! Tou é bestando. Então não era de conhecer o cabo, gente! Mas por mode quê? — disse despreocupado.

— Cê tá é pebado, Antonhão — cutucava Manoel de Joaquininha, completando —: E se ele chegar aqui pra levar você pra cadeia por causa de sua cachaça? Tão dizendo que ele vai curar o seu vício na cheirosa!

Aí, Antonhão, que não mexia com ninguém, achou que devia uma satisfação aos companheiros de sombra, acorados ao seu

redor, e bateu com a mãozona na bainha do facão, dizendo (mais da boca pra fora, que Antonhão era uma pomba sem fel):

— Uai, ele bebe mais do que ieu... e no mais a mais, home pra me bater tem que ser macho, ou acaba é levando um banho de facão nos peitos! — e deu uma gaitada cheia de «rá-rá-rá», seguido dos companheiros de roda.

— Esse compadre Antonhão tá cheio de inventiva hoje! — aparteou Culeu da Caetana, dando uma risada em coro com o pessoal todo, inclusive a turma, que ficava açulando os bestas, dando corda em Antonhão e de olho na esquina de Geraldo Faria, que de lá acompanhava o trança-chico, pitando um cigarrão grosso enrolado em papel Colomy.

Enquanto era esperado, a qualquer instante, o cabo dobrar a esquina em frente à casa de Ondina, alguém gritou, do lado oposto:

— É-vem os soldado!

Quando se assustaram, foi com o cabo Gregório e João Soldado em cima deles, pisando duro pra cima de Antonhão. Tinham vindo pela Rua do Mercado, passando em frente à casa de Calça Boa, no beco de Afonso Carvalho e saído em cima do pessoal açorocado na porta de Joaquininha.

Nem foi preciso prevenir Antonhão, que prevenido já estava pela conversa batida e sem propósito de Guducha e Manoel de Joaquininha. Quando gritaram «-vem os soldado!», ele deu um pulo, que derrubou uns dois ou três, ficando nas mãos de João Soldado a capanga de retalhos de padrões diversos, cuja alça de mescla deixou um rastro de assadura no pescoço de Antonhão, que levou a praça nos peitos, passou pelo cruzeiro da igreja, pegou a Rua dos Rodrigues e em questão de minutos já passava pela Capela dos Nove, a mais de quilômetro dali, perseguido à distância por João Soldado, que o cabo Gregório mesmo só teve arranco para agüentar até à porta de Janoca, na Rua dos Rodrigues. João Soldado só chegou até ao córrego da Maria dos Reis, onde parou para levar Antonhão de vista na descida da Fazendinha.

Dali por diante, Antonhão passou a ter um pavor mórbido de soldado.

Após o aperta-pé de João Soldado, ele ficou muito tempo sem ir ao Duro, sem saber que logo depois do pega pra capar a situação tinha sido esclarecida com o cabo Gregório, que até se riu. Mas Antonhão, que era mais grande que inteligente, não tivera tino para imaginar que uma pessoa de alma branca nada podia dever à sociedade. Cachaça? Ora, se o próprio cabo Gregório vivia invernado com Almiro de Fortunata, cercando frango na rua... Cachaça não podia ser; só podia ser intriga. Mas o medo foi maior, e ele preferiu afastar-se do Duro por uns tempos, até o episódio ficar sepultado pelo esquecimento.

Aí, Loura, que vivia sem saber que fazer para ver o marido esconjurar o vício, cintilou uma idéia na cabeça:

— Enquanto cê não largar essa maldita, o cabo Grigoro pode botar a mão em riba d'ocê, Antõe! Ainda ontem, ele mandou recado mode você ir buscar a capanga.

Que fazer? Largar a pinga? E como é que ia agüentar a melancolia, a saudade dos filhos? Ainda bem que lhe restara o neto, resultado de uma acontecência mal sucedida da filha, o que a fizera arribar desnorteada sem rumo de seguiação. Parentes outros, nenhum; só Loura e o neto, Erasmo, que, volta e meia, lá iam à cidade com um jegue arreado pra trazer Pé-de-Janta, que mal se sustinha, por força da pinga.

O caso do cabo Gregório viera a talho de foice. Assim mesmo, Antonhão, ao saber que todo o destacamento havia ido atender a um chamado dos superiores em Pedro Afonso, mandou que seu compadre Antônio Sereno, que ia à cidade, se certificasse do fato. Na volta, passa Antônio Sereno com um companheiro e informa: de fato, o cabo fora com João Soldado para Pedro Afonso. Muito desconfiado (desconfiança ele tinha de sobra), disse:

— Compadre, Tiago aqui me disse que viu ancê na rua hoje...

— Uai, Tiago, cê tá é bestando! Eu tava lá na rua, home!

— Onde cê tava lá? Topei com todo mundo na casa de Joaquininha, menos você.

— Cê viu essa égua melada na porta de Nélio?

— Vi, é verdade. A égua melada eu vi.

— Apos era ieu. Tiago!

Ciente da ausência do cabo na rua, Loura conseguiu carregar Antonhão até o doutor.

— Novidade, Antonhão, você aqui no hospital?

— Cisma de Loura, dotô! Disse que tou meio perrengue. . .

Correndo os olhos na cara preta e encarquilhada, passando pela caixa do peito seca que nem passarinho, descendo pelo corpo tísico e curvado que nem vara verde e parando nos pés enormes que lhe valeram o apelido, o médico pergunta:

— Quantos anos, Antonhão?

— Sei não, dotô. Só sei que na era de quinze sofri na seca braba. Eu regulava meus dois ou três anos.

— Tá sentindo o quê?

— Uma dorzica aqui na passarinha, boca amargosa e uma moleza. . .

O doutor fê-lo deitar-se na mesa, desabotoou-lhe a camisa remendada e passou a auscultar: o folguejar, curto; o fígado, dolorido no palpar.

— Precisa de um tratamento, Antonhão. Vou passar-lhe uns remédios pra dar volta nessa moleza primeiro. Leve estes dois e tome este dinheiro; passe no Herculaninho e compre o outro.

Com o dinheiro, Antonhão foi direto à farmácia de Herculaninho, deixando todo mundo besta ao vê-lo passar de liso em frente a vários botequins, sem dar ligança a cachaça. E por vários dias, esteve de volta ao Duro, levando coisas para vender e convivendo com os companheiros de cachaça. Mas a súbita mudança de comportamento não fora suficiente para recobrar o crédito que a pinga escanchelara. Ainda conseguia alguma coisa fiado na «Casa Ponto Certo», de Nélio, assim mesmo sob o aval de Loura. Vendo Antonhão passar de largo, o povo pegou a comentar que estava ocorrendo um milagre, mas não para Otavinho, em cuja porta Domingos Cachaça morrera bêbado, atropelado por um carro-de-boi:

— Antonhão largar a pinga? Quá! Carneiro quando afasta a marrada é mais segura!



— Mas já faz dois meses que ele tá sem beber, Otavinho! — alguém ponderava, sempre tendo em Otavinho um desconfiado.

— Domingo Cachaça também deu um basta por uns tempos. Raposa cai o pêlo mas não deixa de comer galinha! Morreu chilado.

Tudo voltara ao sempre. Até o cabo Gregório, de volta de Pedro Afonso, encontrara-se com Antonhão e explicara tudo, devolvendo-lhe a capanga remendada e a paz de espírito. Só o crédito permanecia inalterado: nem um quarto de rapadura melenta era vendido fiado.

Um dia, madrugada, chega Antonhão e bate à janela do comerciante, seu compadre, que se depara com um quadro de cortar o coração: à sua frente, olhos vermelhos, rosto chupado, voz entrecortada, Antonhão chora:

— Sou um infeliz, compadre! Tou pagando caro pela minha senvergonhice e minha safadeza!

O lojista, ainda esfregando os olhos e bocejando, não entende aquela súbita e inexplicável confissão:

— Que foi, compadre?

— Uma desgraça, compadre Bera! Primeiro foi Maria, que pegou doença do monturo e afundou no mundo. . .

— Que foi agora, compadre? Comadre Loura tá doente?

— Antes fosse, compadre, antes fosse! . . . Agora foi Erasmo, que foi ofendido de cobra, ontem de noite. . .

— Quem Erasmo? — quis saber o comerciante.

— Meu netinho, compadre — Antonhão estava a ponto de beber o fôlego —, e foi jararacuçu-papo-amarelo. O bichinho não vingou. . .

— Morreu?

— . . . no descambar da lua. Loura ficou com ele, enquanto vim cá ver se arranjo pelo menos dois metros de ma-drasto, um par de precata e um brim mode fazer um enterro decente.

O compadre, coçando a cabeça, pensou no livro borrador da loja atopejado de contas de Antonhão e tendo nele o mais velhaco dos fregueses, mas não titubeou em atendê-lo, desman-

chado diante de toda aquela humildade do desgraçado. E fechando a janela, pediu-lhe que esperasse na loja, enquanto ele se vestia para ir atendê-lo.

— Mas, compadre Bera, tou sem um minréis na gibeira mode pagar os trem. . .

— Caso de morte é caso de morte, homem!

Foi à loja, passou-lhe a mercadoria e até prometeu ir ao enterro do menino. E para completar a caridade, acordou a esposa, que, bamba de sono, foi cortar e costurar uma calça e uma camisa pro pequeno morto.

Lá para o meio-dia, chega um pretinho à loja, e, na ponta dos pés, consegue alcançar com o queixo o balcão para perguntar:

— Ioiô tai?

— Quem é seu avô, menino?

— Antonhão, de iaiá Loura.

— Cê é neto dele? — o comerciante pensou que o pretinho estivesse ali com o recado pro enterro.

— Sou, inhô sim!

— E o menino que foi ofendido de cobra?

O pretinho fez um trejeito com as bochechas:

— Sei não, sinhô!

— Como? Um neto dele por nome Erasmo. . .

O negrinho fez uma cara de espanto, interrompendo:

— Erasmo é ieu.

Antonhão aprontara mais uma das suas. Bem que Otavinho estava certo. Quando foram dar conta dele, estava debruçado no balcão da venda de Joaquininha, que tinha fama de não fiar um tostão a seu ninguém. O compadre enganado, vendo Antonhão escornado diante de uma garrafa aberta e pelo meio e mais duas arrolhadas, metidas na capanga, não se conteve e bradou:

— Não sei como é que ainda tem gente que fia cachaça pro compadre Antonhão! . . .

Joaquininha, do lado de dentro do balcão, lenço amarrado na cabeça, interveio com sua voz fanhosa, falando pelo nariz:

— Fôe finhado não. Enle pangou.

— Pagou como, se ainda hoje vendi umas coisas fiado pra ele, porque não tinha um tostão?!

Joaquininha disse ter recebido, em troca da cachaça, uma calça de brim, uma camisa de madraço e uma alpercata arreada.

Assim era Antonhão.

Tão imprevisivelmente como surgiu, transando com sua gente nas ruas do Duro e definhando à partida de cada um dos seus pro Porto, ele sumiu um dia, mais ainda vejo sua imagem na sombra da porta de Joaquininha e na beira dos balcões das vendas de cachaça de São José do Duro.